



Jornalismo Ambiental na Mídia e na Universidade: reflexões sobre o Brasil e Mato Grosso¹

Patrícia Kolling²

Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo

Este artigo propõe-se a refletir a prática e a teoria do jornalismo ambiental no Brasil e em Mato Grosso, apresentando alguns questionamentos iniciais que irão subsidiar uma futura pesquisa na área. A opção de analisar o jornalismo ambiental da Universidade – ensino e pesquisa – a mídia parte da compreensão que estes são espaços que estão sistemicamente interligados. A falta de capacitação na Universidade e de pesquisa sobre o tema são alguns fatores refletem em um jornalismo ambiental fragmentado e superficial.

Palavras-chave: jornalismo; meio ambiente; Mato Grosso.

1. Jornalismo ambiental na teoria

O jornalismo ambiental não é um tema novo, nem quando falamos em sociedade, nem em mídia e nem quando falamos em pesquisa acadêmica. Porém, sem dúvidas, nos últimos anos, passou a ter maior representatividade, em todos os espaços sociais. Os grandes desastres ambientais, as mudanças climáticas, as pesquisas com transgênicos, a biodiversidade e biopirataria, as campanhas para o consumo consciente tem contribuído para que a questão ambiental se torne obrigatória nos meios de comunicação e pauta de debates diários na sociedade. Conseqüentemente passa a espertar maior interesse das Universidades, tanto na pesquisa, como no ensino e assim frutificar debates em todas as esferas acadêmicas, em congressos e eventos.

Mas, e quando falamos de jornalismo ambiental, ao que estamos nos referindo? Será que é mais um tipo de jornalismo especializado, como o jornalismo econômico e político? Será que é um jornalismo sobre meio ambiente? Para começar a tratar deste assunto vamos citar a professora doutora Ilza Maria Tourinho Girardi, que no ano de

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-oeste realizado de 8 a 10 de junho de 2010

² Jornalista, mestre em Comunicação, professora e coordenadora do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: patikolling@gmail.com



2010, coordenou uma mesa sobre jornalismo ambiental no evento da Associação Brasileira em Jornalismo (SBPJor) . No artigo apresentado por Girardi (et ali....) neste evento, ela destacou não há uma definição consensual sobre Jornalismo Ambiental, porém critica a visão que o considera como uma especialidade ou especialização jornalística, relacionada à cobertura de temas ambientais.

Esta é uma visão limitada do tema, sendo que o Jornalismo Ambiental extrapola a ideia de ser e fazer um jornalismo tradicional centrado nos assuntos de meio ambiente. A concepção é outra, mais ampla, crítica, baseada na pluralidade de vozes e em teorias que compreendem a visão sistêmica e a perspectiva da Complexidade. Ele está norteado por uma série de características/atributos que vão além de exercer uma cobertura factual ou programada. (GIRARDI, 2010).

Fortalecendo esta discussão Wilson Bueno (s/d, documento eletrônico) coloca que o Jornalismo Ambiental anseia por um conceito

[...] que extrapole o do jornalismo científico tradicional (comprometido com uma parcela significativa da comunidade científica que tem privilegiado a continuidade das suas pesquisas, sem contextualizar as suas repercussões), que não se confunda, em nenhuma hipótese com o jornalismo econômico (impregnado pelo canto de sereia do modelo agroexportador da revolução tecnológica a qualquer preço e da apologia das aplicações rentáveis do capital financeiro) e que não se apoie no jornalismo cultural, quase sempre tipificado pelo diálogo surdo das elites.

Sob o mesmo viés, Bacchetta (2000, p.18) destaca que o Jornalismo Ambiental ultrapassa o Jornalismo Científico porque “envolve aspectos, como as concepções filosóficas e éticas, sobre as quais a ciência moderna exclui expressamente a possibilidade de emitir opiniões”³. No cerne destas posições críticas está a incorporação da visão sistêmica, ou seja, a relação primordial do *todo* e das *partes*, sem isolá-las. Este pensamento sinaliza o rumo que adotamos ao refletir sobre uma proposta de Jornalismo Ambiental, mais adiante, em filiação à perspectiva da Complexidade. Trata-se, segundo Morin e Kern (2002, p.159), de um pensamento radical (considera a raiz dos problemas); multidimensional; organizador e ecologizado (considera a relação eco-organizadora), o que demanda a ampliação do número de fontes, a profundidade do

³ Tradução nossa.



conteúdo, a abordagem qualificada e plural, inerentes ao compromisso social, eixo primordial do fazer jornalístico. (GIRARDI, 2010).

O jornalista André Trigueiro, no site mundosustentavel.com traz um conceito muito prático de jornalismo ambiental. Para ele o que se convencionou chamar de Jornalismo Ambiental não é um conceito fechado. “Entendo o Jornalismo Ambiental como um gênero de cobertura bastante sensível aos estragos causados por um modelo de desenvolvimento que vem exaurindo, em velocidade assustadora e numa escala sem precedentes, os recursos naturais não renováveis do planeta, com impactos negativos sobre a qualidade de vida da população“. O Jornalismo Ambiental preconiza um olhar ecológico, inter-relacional, que remete a uma abordagem sistêmica dos assuntos do cotidiano. Invariavelmente desagrada interesses políticos e econômicos contrários à sustentabilidade. (TRIGUEIRO, 2011).

A necessidade de tratar a temática ambiental de forma sistêmica e aprofundada, fortalecendo a importância informativa e educativa do tema, na conscientização da sociedade, tem sido unanimidade nas citações de pesquisadores e estudiosos da área. Recorremos, então, a Christa Berger, para lembrarmos que o jornalismo exerce expressivo poder de fazer crer e ver, com a capacidade de transformar a visão de mundo e deste modo agir sobre o mundo. Como diz Berger (2003, p. 43) não só o acontecimento cria notícias, mas a notícia também cria acontecimentos. “Ela tem o poder de produzir sentidos, projetá-los e legitimá-los. Mas também o poder de intervir em determinada ação”. (BERGER, 2003, p. 44).

Dessa forma, as notícias se constituem como parte essencial de um processo mais amplo que é o de tomada de decisão e de conscientização das pessoas para a preservação do meio ambiente, (CANUTO, 1996, p.117).

Mas, e o papel do jornalista, que é o mediador social por excelência, (GELÓS, 2003 citado por GIRARDI, 2010) e deve estar comprometido. A qualidade da mediação entre as fontes e público está relacionada ao grau de questionamento, argumentação e exploração das obviedades e consensos estabelecidos. Da exposição dos fatos passamos ao processo de explicá-los, relacioná-los, tensionar a convivência humana no ambiente. Trata-se de um trabalho diferenciado, como demarca a jornalista Liana John:

Cabe ao jornalista ambiental explicar novos conceitos, técnicas e tecnologias e descobrir que relação têm elas com a destruição ou preservação dos recursos naturais;



com a integridade e funcionamento dos ecossistemas ou do meio ambiente urbano. Também cabe ao jornalista ambiental acolher e investigar denúncias e disseminá-las no meio mais adequado, provocando reações locais ou globais, conforme o caso (JOHN, 2001, p.88).

Segundo ela não está em pauta uma aula de ecologia, nem o apelo à espetacularização. Deve-se atrair o leitor com boas chamadas, um *lead* convidativo, fotografias interessantes, explorar os vínculos entre realidades distintas. Por isso, reiteradas vezes encontramos apelos para que quem cobre meio ambiente busque munir-se de conhecimento prévio, reduzindo o risco de se tornar apenas porta-voz de suas fontes e reprodutor de pretensos consensos oficiais

Esta visão é compartilhada por Campos (2006), quando diz que já no ensino do Jornalismo Ambiental é necessário pensar uma alfabetização ecológica⁴ dos jornalistas, tratada como processo permanente. Para isso, a abordagem sistêmica é inevitável: “[...] porque aprender a ‘pensar o todo’ é mais que uma disciplina, é uma gnosiologia, é um método de procedimento que pode e deve ser aplicado não apenas em relação ao meio ambiente, mas em relação a tudo o mais na vida” (CAMPOS, 2006, p.65). O modo como o jornalista se relaciona com mundo adquire alta relevância.

Trigueiro ressalta que a formação do jornalista será incompleta se a grade curricular não revelar os impactos sem precedentes que pessoas, empresas, governos e de forma mais ampla, o atual modelo de desenvolvimento geram sobre os recursos naturais, a qualidade de vida e a desigualdade social. “Os estudantes precisam conhecer, já na Universidade, as causas e conseqüências da crise ambiental que estamos mergulhados” (TRIGUEIRO, 2005, p. 278)

2. E na prática, o que acontece?

Acima vimos na teoria conceitos de jornalismo ambiental e mostramos o papel que o jornalista deveria realizar para fazer jus a esta teoria. Porém, na prática diária das redações jornalísticas frequentemente muitas barreiras impedem a concretização do exposto acima. Para compreendermos o que acontece na prática do jornalismo ambiental nos meios de comunicação, vamos nos inserir no universo acadêmico, para

⁴ Conceito trabalhado por Capra (2003) no qual a ética do cuidado é condição de vida.



resgatarmos, primeiramente, o que as pesquisas apontam sobre a prática do jornalismo ambiental nas redações e em segundo refletindo sobre o ensino de jornalismo no Brasil, em que disciplinas nesta área são raras. Analisarmos o jornalismo ambiental das redações aos bancos e laboratórios da Universidade, é uma forma de vermos sistemicamente o assunto, pensando em todos os fatores interconectados. Como já colocamos anteriormente a temática ambiental hoje está em voga em todos os espaços sociais, conseqüentemente ocupa também maiores espaços nos jornais, rádios e TVs. Resultados de pesquisas acadêmicas realizadas nos mais diferentes estados e meios de comunicação do Brasil nos mostram que :

- a ampliação de espaços para a temática ambiental ainda está restrita a programas e ou espaços especializados

- a cobertura dos desmatamentos na Amazônia (e não só dos desmatamentos e nem só da Amazônia) ainda é isolada e fragmentada nos dois maiores jornais da região⁵ e depende de eventos especiais para alcançar a opinião pública (Luft, 2005).

- o grupo que mais obtém espaço para falar de meio ambiente na mídia é o governamental, seguido do empresarial e em terceiro as organizações não-governamentais (ONGs).

- as notícias ambientais tem o mesmo tratamento das demais, acabando por ser publicadas de forma isolada e descontextualizadas.

- inseridas na rotina produtiva dos jornais diários, às matérias ambientais são destinados alguns poucos espaços nas editorias de geral e estão normalmente subordinadas a critérios editoriais, políticos e econômicos dos meios de comunicação.

- Sousa, Barreto e Rocha (2007) destacam a dramatização, a superficialidade e a espetacularização das notícias ambientais, em estudo feito pelos autores, nos telejornais da Rede Globo. Os textos, segundo eles, acabam sendo “fragmentados e telegráficos”, sem um “maior aprofundamento sobre o tema.

- quanto aos aspectos econômicos que influenciam a produção de notícias, Pippi (2007) afirma que trata-se da “ditadura dos interesses econômicos e comerciais sobre a produção de notícias”.

Apesar do aumento dos espaços ocupados pelo tema ambiental nos jornais e demais meios de comunicação, as abordagens, como destacam os dados acima, não são compatíveis com os conceitos idealizados teoricamente para o tema. A prática

⁵ Os jornais que a autora selecionou para a análise são O Liberal, do Pará e A Crítica, do Amazonas.



vivenciada nas redações e espaços de jornais, rádios e tvs, difere muito da teoria. Muitos aspectos, como as rotinas de produção, as questões econômicas e políticas são fatores de responsabilidade das próprias empresas de comunicação. Mas, e o jornalista, que responsabilidade tem neste processo?

Podemos analisar o papel do profissional sobre dois aspectos. Por um lado é necessário considerar que grande parte de jornalistas não tem conhecimento aprofundado (e nem superficial) sobre o tema. Alguns porque nunca se interessaram em se aprofundar no assunto, outros também porque não tiveram esta oportunidade na Universidade. Por outro lado, vemos profissionais – que nas pesquisas realizadas junto aos meios de comunicação - demonstraram o interesse em tornar as matérias ambientais mais complexas e estarem cientes da importância social desta profissão. No entanto, em razão do tempo, da disponibilidade de espaço e de terem que cumprir ainda com outras tarefas que estão pré-definidas para eles dentro da rotina diária da redação, os jornalistas por mais que tenham a intenção subjetiva de fazerem com mais qualidade as matérias e aprofundarem mais o conteúdo, acabam sendo desestimulados. As questões econômicas e políticas frequentemente são prioridades nos meios de comunicação. (MASSIERER,2007). Os reflexos deste jornalismo, que tanto nas Universidades - não oferecendo disciplinas específicas nesta área - como na rotina dos meios de comunicação, que desestimula jornalistas a uma cobertura ambiental contextualizada e que não leva em conta a complexidade da questão ambiental, reflete diretamente na formação da opinião pública e conscientização social.

É preciso lembrar que estamos falando de uma mídia comercial, que faz das notícias jornalísticas um produto a venda. Porém, existem centenas de mídias alternativas: sites, revistas especializadas, programas de TV, com foco nesta área, que buscam desenvolver o conceito de jornalismo ambiental na prática. Que como destaca Wilson Bueno incorporaram uma visão inter e multidisciplinar, que extrapola os limites do cadernos e das editorias, porque a fragmentação imposta pelo sistema de produção jornalística fragiliza a cobertura de temas ambientais. O jornalismo ambiental deve propor-se política, social e culturalmente engajado, porque só desta forma conseguirá encontrar forças para resistir às investidas e pressões de governos, empresas e até de universidades e institutos de pesquisa, muitos deles patrocinados ou reféns dos grandes interesses. O jornalismo ambiental não pode comprometer-se com a isenção porque participa de um jogo amplo (e nada limpo) de interesses. Não deve admitir-se utópico porque fundado na realidade concreta, na luta pela qualidade do solo, do ar, da água, da



vida enfim. O jornalismo ambiental não deve, especialmente, ser visto apenas como o exercício de uma atividade produtiva e remunerada, como a maioria das que estão disponíveis para os profissionais liberais, em todo o mundo, inclusive para a maioria dos jornalistas. O jornalista ambiental (e é isso que precisa ser trabalhado nas escolas e nas redações junto aos profissionais de imprensa do futuro) tem um compromisso que se estende além da jornada de trabalho. Consciente e capacitado, ele será militante sempre. Qualquer outra alternativa, conduz, inevitavelmente, à capitulação. (BUENO, 2011)

3 E as Universidades?

Será que as Universidades estão oportunizando aos seus estudantes de jornalismo enxergar sistemicamente o que acontece no mundo? Será que nossos estudantes conseguem compreender que a pauta ambiental pode estar inserida em qualquer editoria ou tema de matéria, que quando falamos em problemas ambientais precisamos ver muito mais que o hoje, mas pensar no ontem e no amanhã, ou será que saem com uma visão fragmentada, de assuntos estanques e isolados?

Como destaca Morin, constituímos uma rede, interconectada, e é assim também que precisamos tratar a questão da prática, do ensino e da pesquisa ambiental. Pensando a pesquisa acadêmica reflete no ensino de qualidade, que este reflete na prática jornalística, formando uma rede de influências.

A expansão das na área pesquisas é significativa, pois já está frutificando em muitos eventos, como os Congressos de Jornalismo Ambiental, os grupos de debates e as mesas de debates específicos do tema, como na SBPJor. Quanto ao ensino, porém, parece-me que a expansão é muito lenta. São poucas as faculdades de jornalismo que possuem em sua matriz curricular a oferta de disciplinas para o debate da cobertura jornalística sistêmica dos temas ambientais. Felizmente na Universidade em que estou inserida, Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário do Araguaia, a disciplina de Comunicação e Meio Ambiente já faz parte como optativa. Vivemos em um mundo onde tudo é sistêmico, onde todos os fatores estão conectados, se nossos estudantes saem dos bancos universitários sem esta visão de sistema e complexa do todo, como irão conseguir enxergar em suas coberturas jornalísticas este todo.

A partir desta perspectiva desejo, iniciar um processo de pesquisa estudando a mídia – produção e recepção, o ensino e a pesquisa sobre a cobertura jornalística das temáticas relacionadas ao meio ambiente, tendo como foco o Estado de Mato Grosso.



Logo a seguir irei apontar alguns aspectos que justificam tudo porque a escolha deste Estado.

4 O jornalismo ambiental no Mato Grosso

Como já colocado anteriormente, as pesquisas sobre o jornalismo ambiental vão do Iapoque ao Chuí do Brasil – podemos citar estudos realizados no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Pará, Amazônia. Ao analisarmos, porém, o estado do Mato Grosso, diagnosticamos que existem pouquíssimas pesquisas aprofundadas sobre a prática do jornalismo ambiental – sendo que a maioria são monografias de graduação -, como também é restrito a existência em grades curriculares disciplinas que permitam esta visão sistêmica do jornalismo ambiental. Existe aí um contrasenso. Justo no estado em que a questão ambiental é tema das mais variadas pautas midiáticas, inclusive com repercussões internacionais, o assunto não é estudado. O Mato Grosso pertence a área da Amazônia Legal, possui o 3º maior território do país e abriga três biomas - cerrado, floresta amazônica e pantanal. Pautas como o desmatamento ilegal, as queimadas que tornam algumas cidades inabitáveis e destróem imensas áreas de florestas durante períodos de seca, como no último ano o Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, a expansão da agricultura e da pecuária indiscriminadamente, acabando com a vegetação nativa e com a biodiversidade, o uso de transgênicos e de elevada quantidade de produtos químicos no cultivo de soja, algodão e outros produtos, o assoreamento dos rios, a urbanização acelerada em cidades sem infraestrutura, estão diariamente nos jornais regionais e também nacionais. É necessário recordar ainda que o Mato Grosso é o quinto estado em quantidade de índios, são aproximadamente 20 mil índios de 35 sociedades indígenas divididos em 56 áreas com diversos graus de regularização fundiária, totalizando de 12 milhões de hectares, mais ou menos 12% do estado. Destacamos que as comunidades indígenas são povos diretamente integrados a sistemática ambiental e fontes de muitos estudos. Justo neste estado em que o meio ambiente é pauta constante, e em que a fauna e a flora são abundantes, as pesquisas sobre jornalismo e meio ambiente não florescem. E se pensarmos na prática jornalística ambiental, quais são os jornais, rádios, TVs e sites que tratam o tema com profundidade. Como não existem pesquisas sobre o tema, não temos como apresentar dados e análises da mídia. Porém, a partir de olhares superficiais sobre este tema não se identifica jornalistas especializados na área e nem mesmo coberturas jornalísticas aprofundadas no



tema. Acreditamos que os resultados sobre a análise de textos jornalísticos, não devem ser muito diferentes dos apresentados em outros estados brasileiros, que apontam a superficialidade e falta de continuidade na tratativa das temáticas ambientais. Porém, existem temáticas específicas, como a questão das queimadas, sendo que em 2010, o Mato Grosso foi o estado que registrou maior número de focos de queimadas, que despertam interesse de estudos sobre sua abordagem.

Será desinteresse dos pesquisadores em abordar o tema? Ou outros interesses que desestimulam estes estudos? Diagnosticando esta lacuna de estudos sobre as produções jornalísticas ambientais, visamos iniciar uma pesquisa ampla e aprofundada nesta área. Não analisando apenas textos, mas nos aprofundando para conhecer os sistemas e rotinas de produção, para compreendermos suas influências no processo e nas respostas dos receptores. Quando pensamos em receptores temos que destacar que o Mato Grosso passou nos últimos anos por um processo de expansão populacional e econômica, recebendo migrantes dos mais diversos estados brasileiros. Desta forma, podemos dizer que o estado é constituído atualmente de dois tipos de população: uma que podemos chamar de nativa, que é da região, e há anos vem constituindo aqui suas famílias e sua vida e outra que é migrante dos estados do sul e sudeste e que encontrou no Mato Grosso campo para suas ações empreendedoras. Populações que interagem, mas que pensam, agem e apresentam perspectivas diferentes, pois são culturalmente e socialmente oriundas de povos e raças distintas. Surge então um novo problema a ser pesquisado, partindo da produção e entrando no campo de estudo da recepção. Quais os canais que estas populações buscar para informar-se sobre a questão ambiental, que sentidos produzem e que mediações interferem neste processo?

Para estudar a área compreendemos primeiramente como fundamental fazer um mapeamento dos jornais que tem cadernos específicos sobre o assunto, as televisões e rádios com programas na área, a identificação de veículos especializados como revistas, sites, blogs; além de conhecer como o tema é tratado nos espaços acadêmicos e quais os aspectos e considerações já apontados em pesquisas da área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática deste artigo, jornalismo ambiental, desperta interesses de muitas parcelas sociais. Algumas engajadas em conscientizar jornalistas e profissionais da área da importância de tornar menos utópica a teoria, e configurá-la como prática fortalecida



e consistente. Outras, porém, e essas com grande poder econômico e político, interessadas em desarticulá-lo evitando que o assunto em pauta atrapalhe interesses particulares. Por um lado alguns grupos querem capacitação e aprofundamento, enquanto outros zelam pela superficialidade. É um jogo de forças. E acreditamos ser este um motivo que faz com que o tema não tenha muito espaço nas universidades e na mídia no estado de Mato Grosso, um estado onde o desenvolvimento econômico agropecuário é prioridade. Essas são suposições, que somente a pesquisa aprofundada no assunto irá permitir apontamentos, análises e talvez mudanças no sistema. Essa é a nossa função como academia, produzir conhecimento e difundir estes, buscando uma sociedade mais justa e um futuro sustentável para nossos filhos.

Referências

BACCHETTA, Victor. El periodismo ambiental. In: Bacchetta, Victor L. (eds.). **Ciudadania Planetária**. Montevideo: IFEJ/FES, 2000.p.18-21

BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2003.

BUENO, Wilson. **Jornalismo Ambiental**. Disponível em. http://www.agricoma.com.br/agricoma/conceitos/jornalismo_ambiental.php. Acessado em 10 de maio de 2011.

CANUTO, João Carlos. **Um novo imaginário social: o desenvolvimento sustentável**. In: DENKER, Ada de Freitas Maneti et. al. (Orgs.). **Comunicação e meio ambiente**. São Bernardo do Campo: Intercom, 1996. p. 127-133.

CAMPOS, Pedro Celso. **A percepção do tema ambiental na Universidade: por um ensino de jornalismo capaz de romper paradigmas**. *Comunicação e Espaço Público (UnB)*, v. 1 e 2, p. 07-22, 2006.

GELÓS, Hernan Luis Sorhuet. El mediador social deste siglo. In: **Tópicos en Educación Ambiental**. N. 9, Vol. 3. México: SAMANARP-UNAM, 2003.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; MASSIERER, Carine; LOOSE, Eloisa Beling e SCHWAAB, Reges. **Jornalismo Ambiental: caminhos e descaminhos**. In 8º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, São Luiz, Maranhão, Nov.2010.

JOHN, Liana. **Imprensa, Meio Ambiente e Cidadania**. In: *Revista Ciência e Ambiente*. Santa Maria: UFSM, Volume 23, 2001.

KOLLING, Patrícia ; MASSIERER, Carine. **Reflexões sobre a Elaboração e a recepção das notícias ambientais no Brasil**. In *Anais Alaic, Bogotá – Colômbia*, 2010.

LAGO, Cláudia e BENETTI, Márcia (Org). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2007.



LUFT, Schirley. **Jornalismo, meio ambiente e Amazônia:** os desmatamentos nos jornais O Liberal do Pará e A Crítica do Amazonas. São Paulo: Annablume, 2005.

MASSIERER, Carine. **O olhar jornalístico sobre o meio ambiente:** um estudo das rotinas de produção nos jornais Zero Hora e Correio do Povo. Porto Alegre: 2007, 229 f. Dissertação (mestrado) - UFRGS.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** 4. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

____.; KERN, Anne-Brigitte. **Terra Pátria.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

PIPPI, Joseline. **Jornalismo, Ciência e Economia:** relevância, relações e aspectos argumentativos em notícias envolvendo a soja transgênica em Campo & Lavoura. *Anais do V Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor.* Aracaju, SE, 2007.

SOUZA, Anaelson Leandro de Souza; BARRETO, Betânia Maria Vilas Boas Bareto; ROCHA, Marlúcia Mendes da Rocha. **Televisão e Meio Ambiente:** os cenários de futuro sobre o aquecimento global na abordagem dos telejornais da Rede Globo. *Anais do V Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor.* Aracaju, SE, 2007.

TRIGUEIRO, André. **Formando jornalistas para um mundo sustentável.** 2005. Disponível em: <<<http://www.mundosustentavel.com.br>>>. Acesso em: 30 abril de 2011

TRIGUEIRO, André. **Mundo Sustentável.** Abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação. São Paulo: Editora Globo, 2005.